

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL  
CURSO DE TERAPIA OCUPACIONAL

**THAÍS DOS SANTOS NASCIMENTO**

**SAÚDE E TRABALHO NO COTIDIANO DE PESCADORAS ARTESANAIS: REFLEXÕES  
BASEADAS NO CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL**

RECIFE, 2023

**THAÍS DOS SANTOS NASCIMENTO**

**SAÚDE E TRABALHO NO COTIDIANO DE PESCADORAS ARTESANAIS: REFLEXÕES  
BASEADAS NO CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL**

Artigo científico elaborado segundo as normas da Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, como exigência final para obtenção do grau de Terapeuta Ocupacional, pelo Curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Ferrão  
Castelo Branco

Co-orientador: Profa. Dra. Maria do Rosário de  
Fátima Andrade Leitão

RECIFE, 2023

# SAÚDE E TRABALHO NO COTIDIANO DE PESCADORAS ARTESANAIS: REFLEXÕES BASEADAS NO CAMPO DA TERAPIA OCUPACIONAL

## HEALTH AND WORK IN THE EVERYDAY LIFE OF HANDMADE FISHERWOMEN: REFLECTIONS BASED ON THE FIELD OF OCCUPATIONAL THERAPY

### SALUD Y TRABAJO EN EL COTIDIANO DE LAS PESCADORAS DEL ARTICEO: REFLEXIONES A PARTIR DEL CAMPO DE LA TERAPIA OCUPACIONAL

#### Resumo

**Introdução:** O trabalho de pescadoras artesanais tem origem na preparação dos materiais para a pesca, até o resultado final com a venda ou consumo do produto. Essas mulheres não dispõem de férias ou descanso, na qual a rotina de repetição laboral pode ocasionar prejuízos à saúde física, mental e social. Dessa forma, emerge-se a necessidade de reflexões terapêuticas ocupacionais frente a esse público. **Objetivo:** Analisar a saúde e o trabalho no cotidiano de pescadoras artesanais a partir de reflexões baseadas no campo da Terapia Ocupacional. **Métodos:** Estudo de campo com abordagem qualitativa, utilizando-se entrevista semiestruturada e história de vida como instrumento de coleta de dados. A análise dos dados foi realizada simultaneamente à coleta de dados, seguindo a técnica da análise do conteúdo. **Resultados:** A frequência de esforços excessivos e repetitivos presentes no cotidiano de trabalho de pescadoras artesanais resultam em agravos à saúde, como: distúrbios osteomusculares, problemas respiratórios e exposição a compostos químicos. Além disso, falhas na assistência à saúde dessa população foram identificadas. **Conclusão:** Pescadoras artesanais enfrentam desafios relacionados à saúde, devido ao cotidiano de trabalho. Diante disso, a Terapia ocupacional enquanto profissão que compreende o sujeito em suas ocupações e atividades humanas, através da intersectorialidade, pode contribuir para a promoção e manutenção da saúde desta população.

**Palavras-Chave:** Cotidiano. Saúde. Mulheres trabalhadoras. Pesca. Terapia Ocupacional.

#### Abstract

**Introduction:** The work of handmade fisherwomen originates from the preparation of materials for fishing to the final result with the sale or consumption of the product. These women do not have vacations or rest, in which the routine of repeating work can cause damage to their physical, mental, and social health. Thus, the need for occupational therapeutic reflections on this public emerges. **Objective:** To analyze health and work in the daily life of handmade fisherwomen based on reflections based on the field of Occupational Therapy. **Method:** Field study with a qualitative approach, using a semi-structured interview and life history as a data collection instrument. Data analysis was performed simultaneously with data collection, following the content analysis technique. **Results:** The frequency of excessive and repetitive efforts present in the daily work of handmade fisherwomen results in health problems, such as musculoskeletal disorders, respiratory problems and exposure to chemical compounds. In addition, failures in health care for this population were identified. **Conclusion:** Handmade fisherwomen face health-related challenges due to their daily work. Given this, Occupational Therapy as a profession that understands the subject in their occupations and human activities, through intersectionality, can contribute to the promotion and maintenance of the health of this population.

**Keywords:** Daily life. Fishing. Health. Occupational therapy. Working woman.

#### Resumen

**Introducción:** El trabajo de las pescadoras artesanales se origina desde la preparación de los materiales para la pesca, hasta el resultado final con la venta o consumo del producto. Estas mujeres no tienen vacaciones ni descanso, en las que la rutina de repetir trabajo puede causar daños en su salud física, mental y social. Surge así la necesidad de reflexiones terapéuticas ocupacionales sobre este público. **Objetivo:** Analizar la salud y el trabajo en el cotidiano de las pescadoras artesanales a partir de reflexiones basadas en el campo de la Terapia Ocupacional. **Métodos:** Estudio de campo con enfoque cualitativo, utilizando como instrumento de recolección de datos la entrevista semiestructurada y la historia de vida. El análisis de datos se realizó simultáneamente con la recolección de datos, siguiendo la técnica de análisis de contenido. **Resultados:** La frecuencia de esfuerzos excesivos y repetitivos presentes en el trabajo diario de las pescadoras artesanales trae como consecuencia problemas de salud, como trastornos musculoesqueléticos, problemas respiratorios y exposición a compuestos

químicos. Además, se identificaron fallas en la atención a la salud de esta población. **Conclusión:** Las pescadoras artesanales enfrentan desafíos relacionados con la salud debido a su trabajo diario. Ante esto, la Terapia Ocupacional como profesión que comprende al sujeto en sus ocupaciones y actividades humanas, a través de la intersectorialidad, puede contribuir a la promoción y mantenimiento de la salud de esta población.

**Palabras clave:** Cotidiano. Mujer trabajadora. Pesca. Salud. Terapia ocupacional.

## **Introdução**

O ser humano exerce interação com o ambiente e constrói relações sociais nos espaços que habita e se faz pertencer, estabelecendo seu modo de vida no lar, no trabalho e no lazer. Dessa forma, a natureza e sua mutabilidade é o que pode condicionar o fazer humano em sua rotina diária e enquanto ser laboral (Amorim & Leitão, 2020). Assim, o território é “o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações da sua existência” (Santos, 1999, p.7).

O território não se limita a um conjunto de sistemas naturais ou de elementos físicos sobrepostos em um dado local. O território expande-se para um espaço com significado que, quando usado, une a identidade ao solo, sendo o fundamento das interações espirituais, materiais e do exercício da vida (Santos, 1999). Com isso, na perspectiva local do território, os grupos sociais constroem seus códigos e símbolos, desenvolvem-se social e economicamente, criando um modo de estar e ser no mundo (Raffestin, 1993). Nessa lógica, a pesca, incorporada na noção de território, é uma atividade que requer a interação do homem com o ambiente natural, na qual suas ações deságuam nas demonstrações de sua existência (Amorim & Leitão, 2020; Santos, 1999).

Segundo a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca (Lei nº 11.959, 2009), a pesca é uma ação produtiva primitiva que, desenvolvida e executada pelo homem, viabiliza o acesso à alimentos para grande parte da população mundial, podendo esta, ser artesanal. A pesca artesanal pode ser determinada como uma atividade praticada em ato direto por um pescador ou pescadora profissional, de maneira autônoma ou em gerência econômica familiar, com recursos de produção próprios, sendo capaz de fazer uso de embarcações de pequeno porte e operar nas proximidades dos lagos, rios e da costa em todo o país.

Desse modo, o território da pesca artesanal inclui o lugar de trabalho e, por vezes, o de moradia, onde um é a extensão do outro. Ele compreende uma teia de relações sociais, físicas e de solidariedade que convergem em comunidades tradicionais (Amorim & Leitão, 2020). As

comunidades tradicionais concebem a existência de um conjunto de manejo dos recursos naturais como animais e plantas, que não se limitam à exploração econômica. Elas captam e representam um conjunto de conhecimentos herdados e transmitidos na vida cotidiana pela tradição, considerando símbolos e mitos que conduzem a manutenção e utilização consciente dos ecossistemas naturais (Diegues, 2008).

Para Heller (2016), o ser humano nasce inserido em sua cotidianidade. A vida cotidiana é a vida do homem como um todo, ou seja, com sua singularidade e personalidade, na qual aplicam-se suas habilidades intelectuais e manipulativas, seus sentidos e sentimentos, suas paixões, ideias e ideologias. Assim, o homem enquanto ser social pode adquirir habilidades essenciais para a vida cotidiana, como a prática da pesca artesanal transmitida entre gerações (Heller, 2016; Amorim & Leitão, 2020).

As pescadoras artesanais desenvolvem seu trabalho como meio de subsistência ou para fins comerciais, de modo autônomo, em que são responsáveis por todas as etapas do processo de produção e por seus instrumentos. À vista disso, o trabalho das pescadoras artesanais tem início na preparação dos materiais para a coleta do pescado até o produto final para a venda, seguindo as etapas no domicílio, peridomicílio e ambiente extradomiciliar (Falcão et al., 2015). Nessa lógica, no âmbito da pesca artesanal, a mulher revela um papel central na cotidianidade, uma vez que está presente em todas suas proporções, desde o cuidado com a família até o trabalho dentro e fora de casa, o que configura-se como um modo de vida (Amorim & Leitão, 2020).

Os modos de vida dos mais variados grupos sociais ocorrem na esfera do cotidiano e nas atividades diárias que se transformam em hábitos. Dessa forma, a rotina definida pela constância da repetição passa a acontecer naturalmente, constituindo a própria vida do homem social que usualmente pouco se detém a refletir sobre suas atitudes habituais (Amorim & Leitão, 2020). A rotina de repetição laboral presente no cotidiano de trabalho das pescadoras pode provocar prejuízos à saúde física, mental e social (Rios et al., 2011).

As pescadoras artesanais não possuem férias ou feriados remunerados. A escolha do não trabalho resulta na perda da produção correspondente, influenciando negativamente o rendimento econômico (Pena et al., 2011). Assim, compreender a influência da rotina cotidiana de trabalho na saúde das pescadoras artesanais é importante para o desenvolvimento

de ações que busquem minimizar seus riscos e agravos. Logo, a Terapia Ocupacional enquanto profissão que estuda a ocupação humana, pode cooperar com empenho ético político para atender as necessidades individuais e coletivas dessa população. Além de valorizar a inserção de pessoas em atividades sociais e de lazer em comunidades (AOTA, 2020).

Somado a isso, terapeutas ocupacionais, no contexto da pesca artesanal, podem ampliar e desenvolver a capacidade dos indivíduos de se envolverem nas ocupações que desejam e precisam realizar. Assim, propiciam, com estratégias, a modificação do ambiente (físico ou social) para possibilitar maior apoio ao compromisso ocupacional que resulte no fomento à saúde física, mental e social da pessoa em sua vida cotidiana (AOTA, 2020; CREFITO, (s.d.)). Diante do exposto, o presente estudo visa analisar a saúde e o trabalho no cotidiano de pescadoras artesanais a partir de reflexões baseadas no campo da Terapia Ocupacional.

## **Métodos**

Estudo de campo com abordagem qualitativa, considerando as erudições de Martinelli (2012) e Minayo (2002), as quais ponderam que a pesquisa qualitativa compreende e explica a realidade e as relações sociais enquanto dinâmicas e que os acontecimentos sociais devem ser versados nas transições e determinações estabelecidas pelos sujeitos. De acordo com Martinelli (2012), o uso da abordagem qualitativa oportuniza uma interação direta com o sujeito da pesquisa, a fim de entender a trajetória de vida, as experiências e as ocupações sociais. Ela afirma ainda que, para conhecer o modo de vida, é necessário conhecer as pessoas, dessa maneira, uma análise dos fatos mais aprofundada é essencial para assimilar e interpretar que o fazer humano repercute diretamente, de forma singular, em sua vivência cotidiana. Assim, para Minayo (2002, p.21) a pesquisa baseada em uma abordagem qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

A pesquisa foi realizada com pescadoras artesanais em uma Colônia de Pescadores da Região Metropolitana do Recife-PE em janeiro de 2023. Em relação a amostra de participantes, a pesquisa qualitativa não se detém aos aspectos quantificáveis para assegurar sua representação. A amostragem ideal é a que proporciona a abrangência da compreensão do problema estudado em suas diferentes dimensões (Deslandes, 2002). Logo, a amostra contou

com 11 (onze) mulheres que possuem faixa etária igual ou superior a dezoito anos, como também a carteira de pescadora ou declaração de registro de inscrição na Colônia de Pescadores. Não participaram da amostra pescadoras artesanais que apresentassem qualquer condição aguda ou crônica de saúde que limitasse a capacidade de participar do estudo.

O processo de seleção das pescadoras artesanais foi realizado pela Presidenta e Vice-presidenta da Colônia, por meio dos dados cadastrais de inscrição na Colônia. Nesse sentido, o estudo foi realizado de acordo com a Resolução nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, após aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da UFPE (CEP-CCS/UFPE), sob o parecer nº 5.579.704 (CAAE 59823122.0.0000.5208). Os dados foram coletados através da entrevista individual semiestruturada e da história de vida como estratégia de compreensão da realidade.

Segundo Minayo (2002), a entrevista é um procedimento comum no estudo de campo, pois através dela, o pesquisador almeja compreender informes contidos no discurso dos sujeitos sociais. Ela simboliza uma troca de diálogo, com propósito definido, na qual há a coleta dos fatos narrados pelos sujeitos que experienciam a realidade focalizada pelo estudo, podendo ser de natureza individual e/ou coletiva. Assim, a entrevista na modalidade individual semiestruturada é composta por perguntas fechadas e abertas sobre o tema proposto Minayo (2002). Dessa maneira, foi requerido assimilar o cotidiano de trabalho, as relações sociais estabelecidas neste e os possíveis agravos à saúde das pescadoras artesanais oriundos de uma rotina laboral.

No que se refere à história de vida como maneira de entendimento da realidade, sua principal atribuição é descrever as experiências vividas, bem como as definições de fatos fornecidas individual e/ou coletivamente. Ela pode ser narrada ou escrita, sendo nesse estudo, a versão de história de vida tópica, que visa compreender uma fase ou determinada etapa da vivência em questão, retomando valores e modos de vida não quantificáveis. Assim, possibilita a expressão do senso crítico individual refletido em uma coletividade, sendo um momento específico da pesquisa e não sua totalidade (Minayo, 2002).

A análise dos dados foi realizada simultaneamente à coleta de dados, seguindo a sapiência de Bardin (2011) que caracteriza a análise do conteúdo como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2011, p.48).

Assim, para Bardin (2011), a utilização da análise do conteúdo pressupõe três etapas essenciais, a saber: pré-análise, exploração do material e análise do conteúdo. A pré-análise pode ser descrita como a fase de organização, em que, na entrevista individual semiestruturada e na história de vida, coube a transcrição. Na segunda etapa, foi realizada a exploração do material, no qual foram selecionadas as unidades de codificação, classificação e categorização do conteúdo analisado. Nesse aspecto, na terceira etapa do processo de análise do conteúdo realizou-se o tratamento dos resultados, assim, a inferência e interpretação dos mesmos.

## **Resultados**

### **Caracterização das participantes**

Foram entrevistadas onze (11) mulheres, sendo elas pescadoras artesanais vinculadas a uma Colônia de Pescadores da Região Metropolitana do Recife-PE. Para a identificação das participantes utilizou-se do prefixo P1 ao P11 seguindo o número de ordem das entrevistas. Cor, idade, escolaridade, estado civil e renda mensal constituíram o perfil sociodemográfico das participantes para caracterizar o estudo conforme a tabela 1. Em relação ao tipo de pescado, duas (2) pescadoras artesanais pescam peixe, duas (2) siri, três (3) sururu, três (3) ostra e uma (1) pesca sururu e ostra.

**Tabela 1.** Caracterização das participantes.

<b>VARIÁVEL</b>	<b>Nº</b>
<b>COR</b>	
AMARELA	1
BRANCA	1
PARDA	1
NEGRA	8

<b>FAIXA ETÁRIA</b> 30 a 39 40 a 49 50 a 59 60 a 69	1 3 5 2
<b>ESCOLARIDADE</b> ANALFABETA ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO ENSINO MÉDIO INCOMPLETO ENSINO MÉDIO COMPLETO	1 6 0 1 3 3
<b>ESTADO CIVIL</b> CASADA DIVORCIADA SOLTEIRA VIÚVA	3 0 8 0
<b>RENDA MENSAL</b> ATÉ UM SALÁRIO MÍNIMO UM SALÁRIO MÍNIMO E MEIO	11 0

Fonte: Elaborada pelas autoras (2023)

### **Motivações e trajetórias**

De acordo com os resultados, as participantes começaram a trabalhar com a pesca artesanal por diversos motivos, a saber: necessidade, tradição familiar, falta de oportunidades de emprego e interesse pela atividade. Algumas começaram com oito anos de idade, enquanto outras iniciaram adolescentes com responsabilidades. Para umas, a pesca era uma fonte de subsistência própria e familiar, enquanto, para outras, era um modo de vida.

Eu comecei a trabalhar com a pesca quando eu tinha oito anos de idade [...]. A gente tinha que ir pescar desde criança que era pra ajudar papai porque com ele e mãe dava doze pessoas na casa e o que ele ganhava na pesca não dava pra sustentar todo mundo.  
P6

Dificuldade, né? Minha mãe era pobre, tinha muitos filhos, aí a gente não tinha condições de ter outro trabalho, tinha que pescar mesmo. Comecei a trabalhar com doze anos [...]. Aí na família todos são pescadores, todos. P3

Eu comecei a trabalhar com meus dezesseis anos. Foi o tempo em que eu comecei a ter filhos, né? Aí, comecei a ter responsabilidade [...]. Foi por necessidade. P4

Desde pequena que comecei a pescar [...]. Foi de gosto e vontade minha, tinha uns treze anos [...]. Não foi meu pai, nem minha mãe, nem ninguém que me obrigou. P2

### **Hábitos e cotidiano**

A constante prática diária presente no cotidiano das pescadoras se transformam em hábitos, bem como um senso de identidade e pertencimento à comunidade. A rotina de pesca vem acompanhada de outras atividades cotidianas como cozinhar, limpar a casa, cuidar de si e dos outros. É imprescindível ressaltar que começa cedo, de madrugada, e pode se estender por horas, sem um horário definido para terminar. O trabalho não acaba quando a pesca está concluída, já que é preciso buscar lenha, limpar e preparar o pescado para venda. O descanso e as férias são incertos, ditados pela maré.

Às vezes a gente sai na madrugada, né? Porque a pesca da gente é pra peixe. Aí, quando chego vou fazer o serviço, lavar prato, enxaguar a roupa, fazer a comida e às vezes a gente vai durante o dia [...]. Às vezes eu chego e ainda vou tratar os peixes para negociar [...]. Eu vou pescar todos os dias. Passo cinco, seis horas na maré, às vezes o dia todo. P1

Ah, primeiro me acordo, tomo banho, faço café. Que eu crio dois netos [...]. Levo na escola, né? Faço meu almoço, limpo minha casa, lavo roupa. Faço tudo dentro de uma casa [...]. Aí, vou pra maré [...]. A gente não tem férias, as férias quem dá é a gente mesmo, de um dia, dois dias, pode ser até uma semana e depende também da maré porque tem uma maré boa e tem uma maré ruim. P9

Quando eu vou trabalhar eu levanto três horas da manhã [...]. Faço o nosso almoço, café da manhã, quatro e meia eu saio [...]. Aí, encontro as meninas lá em cima no Grêmio, porque vamos a pé, andamos duas horas e meia pra chegar lá [...]. Chegamos lá, trocamos de roupa, e nos alimentamos, aí vamos para o mato, buscar logo lenha, para cozinhar o pescado [...]. Mais ou menos uma e meia, duas horas a gente retorna,

cozinha o pescado, debulhamos, limpamos e retornamos para casa. P8

Eu acordo, aí cuido do servicinho em casa mais cedo, né? Aí, vou pra pesca, quando eu volto, retorno a fazer o serviço, boto o material no fogo para cozinhar e assim vai até dar a hora de dormir, né? Eu pesco [...], aí vou à procura de lenha para cozinhar o pescado e depois eu vou quebrar o siri, né? Tirar o filé [...], pra depois ir vender [...]. Em relação ao descanso, não, nunca tive descanso. As minhas férias é o dia em que eu não vou pescar. E olhe lá que não é férias, né? Que ainda tem a rotina de casa. A dona de casa não para. P7

### **A importância da cooperação na comunidade**

Em comunidades pesqueiras se estabelece confiança, onde as relações sociais são destacadas pela importância da cooperação e do apoio mútuo e social entre os membros da comunidade e a Colônia de Pesca. Há uma rede de solidariedade e união, algumas participantes afirmam que as outras pescadoras são como família e a Colônia exerce um papel fundamental em ajudar e incentivar os integrantes.

Quase que nem família. Nos ajudamos uns aos outros. Quando a gente bota o carro de mão assim na rua vem um, vem dois, vem três ajudar a debulhar pra terminar mais rápido, né? Às vezes a gente até agrada com a ostrinha: “toma, leva pra você fazer sua janta.” É assim. Na Colônia, totalmente, tenho um apoio sim. P3

A minha relação com as pescadoras é ótima, é sem-vergonhice, de amizade mesmo, muito boa. Tanto daqui da cidade, como de outras cidades, de outras Colônias [...]. Na rua que eu moro tem pescadores também, perto da minha casa também tem vários pescadores, tem pescadora e eu me dou bem com todo mundo graças a Deus. Em relação à Colônia, ah, tem apoio. P6

É bom, porque assim, elas se tornam mais família da gente do que a nossa própria família, né? Ali a gente brinca, a gente ri, a gente briga, a gente arenga, a gente discute, a gente se diverte [...]. Com a Colônia pelo menos eu tenho, né? [...] Eu tive COVID, elas cuidaram de mim, e sempre assim, que aparece alguma doação de cestas básicas, de alguma coisa que vai nos beneficiar sempre eles ligam pra mim, eu venho,

eu sou beneficiada, eu não tenho do que reclamar não. P8

Eu moro numa comunidade que a maioria são pescadoras, tendeu? Pescadora, pescador, não tenho o que falar não [...]. Rapaz, aqui na Colônia tenho, vi? Às vezes a gente tá numa situação difícil, né? Aí a gente chega aqui fala com uma das meninas, aí às vezes ela consegue uma cesta básica, entendeu? Aí, a gente tem, com certeza tem esse apoio, né? P10

### **Desafios e alternativas por renda consistente e sustento familiar**

Na pesca artesanal a produção tem por finalidade a comercialização e o consumo, em que as pescadoras têm uma renda variável e incerta, que depende de vários fatores, como o clima, a maré e a quantidade de pescado que conseguem pescar. Elas revelam o desafio do trabalho, como as exigências físicas e a dificuldade de obter uma renda consistente. Relatam ainda sobre a importância de outras fontes de renda, como programas do Governo Federal para completar o orçamento e garantir a subsistência. Afirmam que não sentem cobrança externa em relação a média de produção, mas algumas se cobram internamente para conseguir sustentar suas famílias.

Se eu me cobro? Com certeza, com certeza. Deixa até de comprar uma coisa fixa. Assim, porque a pesca hoje pode dar cem, pode dar cinquenta. Se chover a gente fica só lá na maré. Se encher a gente não pesca e vem simhora pra casa sem nada, entendeu? Já de cobrança de fora não, a gente trabalha a nosso dispor [...], não tem cobrança nenhuma. P3

Eu tiro dois baldes. No máximo uns trezentos reais por mês. Vivo porque tenho uma renda do Bolsa Família, aí dá um jeitinho. P4

Rapaz, tá dependendo do que a gente pesca durante a semana, né? Porque assim, a gente tá vendendo um quilo de siri a cinquenta, entendeu? [...] Vai depender também da maré [...]. Às vezes não pega nada e às vezes pega também [...]. A gente não tem muita confiança de você poder dizer “eu vou e vou pegar tantos quilos” porque não tem condições, não dá. P5

Um quilo de ostra a gente vende mais ou menos a quarenta reais [...]. Às vezes a gente vende a trinta e cinco. Também varia das pessoas, né? Tem pessoas que não valorizam, né? O que a gente faz [...]. É, uns trezentos e oitenta, às vezes quatrocentos, quatrocentos e pouco (por mês), depende se durante a semana a gente vende [...]. Se eu me sinto cobrada? Com certeza! [...] Comecei a trabalhar na lama da maré eu tinha meus treze, quatorze anos, né? Hoje eu tô com quarenta e seis anos, eu não tenho mais aquele pique que eu tinha há vinte e cinco anos atrás. P10

### **Desafios na saúde e o impacto no cotidiano**

A pesca artesanal é uma atividade desafiadora e que pode ter influência na saúde e bem-estar das pescadoras. Relatos mostram que a rotina de esforços excessivos e repetitivos podem trazer problemas como dores e dormências nas mãos, pernas e costas, bactérias vaginais advindas da lama do mangue e problemas respiratórios decorrentes da chuva e da queima de lenha para o cozimento do pescado durante a pesca. As mulheres comentam também sobre o impacto das condições de trabalho na vida cotidiana, como o cansaço físico e mental e a dificuldade em dormir à noite devido ao desconforto nos membros superiores e inferiores. Além disso, mencionam que mesmo com a proteção contra o sol, como blusas de manga comprida, touca, luvas e sapatos, a pele queima e que utilizam compostos químicos como água sanitária e álcool diretamente na pele para higienização.

Cansada minha filha. A gente fica muito cansada. Minha saúde está ruim, né? [...] Tem dia que quando chega em casa a gente pode nem fazer as coisas porque dói as mãos, os pé, as costas nem se fala. A gente fica muito tempo assim, abaixada, aí que dói mesmo. P4

Dor tem demais, fia, dor no pé, dor no braço, dor na mão. Tudo por causa da maré. Eu no começo eu gostava muito, eu não pegava siri, na época eu pegava sururu [...], mas devido eu me sentar muito na lama da maré [...], peguei uma bactéria [...]. E por causa dessa bactéria que eu peguei [...], eu tive de me cuidar e não fui mais pra pegar sururu [...]. A minha mão, isso aqui (tendinite) é direto [...]. Eu sinto muita dor no meu joelho [...]. Eu mesma não limpo tanto minha casa quanto antes, porque sinto muitas dores. P5

Minha saúde está um pouco abalada. É, eu em dois mil e dezenove (2019) fiquei doente [...]. Fui diagnosticado com asma crônica. Aí, em dois mil e vinte um (2021) eu contraí o COVID-19, aí isso agravou mais a minha asma, né? [...] Eu tive muita infecção urinária e dores nas pernas. Às vezes a gente tá dormindo, tá sentindo aquelas dores. Já tive pneumonia, por conta de muita chuva na pesca, má alimentação. No meu cotidiano eu percebo mudanças, com certeza. Deixei de pescar mais, de comer mais. Por conta dos impactos da doença. Tem dia que eu não vou nem pescar. P3

Tenho problema de pressão baixa [...], aí eu desmaiava na maré, e problema também de dormência. Eu digo, “não sei o que aconteceu nas mãos e nos pés”. Teve uma vez que eu fui pra um canto assim, eu tirei a sandália do pé. Eu digo: “agora eu vou usar um elástico na sandália”. Porque quando eu vejo a sandália fica caída do meu pé [...]. A unha da gente [...]. Quando vai pra maré tem que lavar o pé com água sanitária porque deixa o mau cheiro e se a gente não lavar o pé com água sanitária, a gente chega num canto assim, faz até vergonha, porque sente aquele mau cheiro de maresia nos pés [...]. P9

Em relação ao sol, a gente bota camisa, eu boto uma camisa por baixo, boto uma blusa por cima, blusa de sol e calça comprida e outro short. A gente trabalha com duas roupas, mas o sol ainda queima a pele da gente. P11

É muito cansaço físico, esgotamento físico [...]. Principalmente a dor na mão, tenho deixado de fazer muitas coisas [...]. A tendinite ela incomoda mais a noite. Quando eu vou dormir devido ao movimento, né? Repetitivo o dia todo [...], ela fica dando aquela fígada, terrível, não durmo bem à noite, por conta disso, fica dormente, formigando, é terrível. Tem hora que dá vontade de arrancar um braço, mas tenho que conviver com ela por enquanto que eu não consigo um benefício ou outra coisa, né? P8

### **Perspectivas de acesso e atenção à saúde**

Quanto à assistência à saúde para pescadoras artesanais, diferentes perspectivas demonstram que a situação de saúde na comunidade não é uniforme. As pescadoras destacam pontos positivos em relação à presença de médicos e dentistas na Unidade Básica de Saúde, mas pontuam a falta de medicamentos e longas filas de espera para atendimentos no local.

Algumas também apontam a ausência de assistência à saúde específica para pescadoras artesanais, bem como a carência de atenção e apoio por parte do sistema político.

Rapaz, o posto tem, né? Mas situações de remédio, tá devagar. P4

É, no posto até agora tem, graças a Deus que está conseguindo o médico. Eu já vi pior gestão, hoje em dia, graças a Deus eu tô conseguindo um médico, dentista mais direitinho. P7

A gente devia ter mais atenção, né? [...] Ajudar as pescadoras, mas a gente não tem ajuda. Eu gosto de pescar. Eu gosto. Eu fui pra maré de resguardo quando eu descansei do meu meu último menino [...], para dar de comer aos meus filhos. Que eu não tinha marido. P11

Assim, especificamente pras pescadoras aqui não tem não. Pra dizer assim, esse médico aqui, esse local, esse só pras pescadora não existe aqui [...]. Até porque primeiro a prefeitura daqui não nos ajuda, quer dizer, não ajuda a Colônia a nos ajudar. É como se eles não se interagissem. Todos os benefícios que eu saiba até hoje que a gente adquire aqui da Colônia é esforço das meninas. Que elas correm atrás [...]. O posto ali do loteamento, tem tempo que tem dois, três meses o médico, tem tempo que a gente fica cinco, seis meses sem médico [...]. Então a gente tem que esperar quando aquele médico vem substituir o outro para nos atender [...]. Assim, dizer assim, aquele postinho ali é exclusivo para pescadores, que deveria ter, porque aqui não é uma área de mangue? Uma área de pescaria? P8

## **Discussão**

O perfil sociodemográfico do estudo revela que 8 (oito) das pescadoras artesanais entrevistadas são mulheres negras, com faixa etária predominante entre 40 e 69 anos, das quais 7 (sete) possuem ensino fundamental incompleto, 8 (oito) constituem famílias monoparentais e todas possuem renda mensal igual ou inferior a um salário mínimo. Assim, considerando o “apartamento” da mulher negra brasileira, suas experiências no contexto das relações afetivossexuais, da família e do trabalho, no delineamento dos marcadores sociais de gênero, raça e localidade, é possível pensar em como os indivíduos em suas diversidades

experienciam subjetiva e coletivamente esse fenômeno a partir da semiótica cultural da pesca artesanal (Vieira, 2020).

Quanto à tradição cultural transmitida por gerações, os resultados corroboram com os achados de Giddens (2005), que refere que a formação cultural que se manifesta em diversos mecanismos de controle, nos quais os indivíduos inseridos participam e regulam suas ações e experiências emocionais através de símbolos públicos. Dessa forma, a emoção e os significados afetivos são construções culturais. A herança cultural da pesca artesanal é uma conexão entre as gerações, permitindo a difusão de conhecimentos e práticas adquiridas ao longo dos anos.

Seja pela necessidade ou interesse pela atividade pesqueira, a tradição familiar possibilita que o indivíduo compreenda o mundo, referencie-se e relacione-se com seus semelhantes (Amorim & Leitão, 2020). A transmissão da cultura entre as gerações ocorre por meio da socialização como a forma com que as crianças ou outros indivíduos recém integrados à sociedade aprendem o modo de vida característico de sua comunidade (Giddens, 2005). Ao ingressar na sociedade, os indivíduos recebem uma bagagem simbólica que lhes permite se comunicar e interagir com os demais membros através do dinamismo.

Diante disso, o dinamismo é uma característica significativa do cotidiano da pesca artesanal, uma vez que ela reflete as relações sociais, onde as culturas se expressam e as identidades são moldadas. De acordo com Giddens (2005), as culturas são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos que ajudam as comunidades humanas a se adaptarem às suas bases biológicas e sociais. Os resultados apontam que o estilo de vida presente no cotidiano das pescadoras artesanais inclui organização econômica como fonte de subsistência, padrões de estabelecimento, formas de agrupamento social e organização política, bem como crenças, cooperação e apoio mútuo e social.

Ressalta-se que a socialização permite que o indivíduo adentre na coletividade, mas ele traz consigo suas próprias características e subjetividade, que fazem parte de sua identidade singular e coletiva. A identidade está presente no processo de construção de significado com base em um atributo cultural de resistência, ou em um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, que prevalecem sobre outras fontes de significado como na pesca artesanal (Castells, 2018).

Nesse aspecto, as resistências culturais são construídas pelas pescadoras artesanais que se encontram em posições ou condições desvalorizadas pela lógica da dominação, edificando trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo contrários a elas (Castells, 2018). Visto que os desafios se estendem para a dupla jornada que inclui trabalho, atividades cotidianas, cuidar de si e dos outros, estabelecidos pelas condições de vida.

Cabe, neste contexto, colocar em foco os desafios que as mulheres pescadoras artesanais enfrentam no cotidiano em relação à sua cultura local, crescimento econômico e políticas públicas (Costa, 2012). Heller (2016) aponta que o cotidiano é composto por diversas ocupações humanas heterogêneas em conteúdo e significado, que variam de acordo com fatores históricos, culturais, de classe social, gênero e idade. As atividades cotidianas incluem afazeres domésticos, trabalho, lazer, religião, participação social e política. Essas atividades são hierarquizadas dinamicamente ao longo do dia e da vida, criando uma estrutura variável para garantir a subsistência.

Nas comunidades pesqueiras, as pessoas vivem próximas umas das outras, crescem juntas e formam laços familiares. Essa proximidade gera uma identificação coletiva que, apesar dos inevitáveis conflitos, ajuda na criação de estratégias para a sobrevivência e manutenção do grupo (Veiga, 2009). Os achados apontam que as pescadoras trabalham em conjunto e demonstram solidariedade umas com as outras, uma vez que compartilham um cotidiano custoso que, por vezes, possui uma hierarquia homogênea de valores, permitindo que elas dividam os fardos da vida e tornem sua carga mais suportável, já que não detêm, de maneira estruturada, férias ou descanso estabelecido.

A constante prática da atividade da pesca sem um descanso definido, reflete no lazer apenas sob a perspectiva da atitude que limita sua relação com a pessoa envolvida, neste caso, com as pescadoras artesanais. Segundo Marcellino (2006), qualquer atividade pode ser considerada lazer, inclusive o trabalho, desde que atenda a determinadas características, como a escolha individual, o prazer e a satisfação. Porém, a presença de elementos como a obrigação, não só no trabalho, mas em outros compromissos da vida, é um diferencial importante que marca a diferença entre lazer e não lazer.

No presente estudo, é possível entender o lazer como uma ocupação humana crucial para um cotidiano articulado aos pilares da justiça ocupacional. Nessa lógica, Marcelino (2006), aponta o lazer como uma possibilidade de emancipação e desenvolvimento humano, e a participação cultural é vista como uma base para a renovação democrática e humanista da cultura e da sociedade. A ocupação é uma noção transversal que se aplica a todos os lugares, tempos e condições de prática.

A proposta da justiça ocupacional é proporcionar oportunidades com equidade para que cada indivíduo decida o que quer para sua vida, o que inclui o treinamento de habilidades e competências para capacitar os indivíduos a enfrentar os determinantes sociais que a Terapia Ocupacional chama de determinantes ocupacionais. A ideia é que a participação em ocupações justas possam impactar na boa saúde, bem como no vínculo afetivo construído no coletivo (Córdoba, 2020). Assim, a intersetorialidade a partir da prática terapêutica ocupacional pode apresentar-se como a gênese e o meio para o desenvolvimento do trabalho com a saúde e o cotidiano de pescadoras artesanais (Malfitano, 2005).

A intersetorialidade visa a integração de conhecimentos e vivências com o propósito de elaborar estratégias, implementar e analisar políticas, programas e projetos, visando a obtenção de resultados cooperativos em contextos complexos, o que direciona possibilidades teóricas e práticas para seu uso como estratégia ou metodologia terapêutica ocupacional (Inojosa, 2001). Fiorati (2014) enfatiza ainda que ela é composta por elementos como autonomia, inexistência de hierarquia, compartilhamento de objetivos comuns, cooperação, confiança, interdependência e intercâmbio de recursos.

Outros fatores que apoiam a prática da Terapia Ocupacional de forma intersetorial para atuar com pescadoras artesanais incluem a formação interdisciplinar, o trabalho com populações vulneráveis, a defesa das políticas públicas e uma compreensão crítica e complexa do indivíduo e da sociedade, o que requer um posicionamento ético e político do profissional. Além disso, as experiências territoriais e comunitárias são sustentadas pelas abordagens da Reabilitação Psicossocial e da Reabilitação Baseada em Comunidade, o que contribui para o trabalho em conjunto com outras áreas de assistência à saúde e setores como a Colônia de pescadores (Moreira, 2008).

Existem falhas na assistência à saúde das pescadoras artesanais, sendo elas a falta de serviços ou as longas filas de espera. Assim, construir práticas intersetoriais a partir dos sujeitos e coletivos envolvidos com o território, nesse caso, com pescadoras artesanais, ainda é um grande desafio. No entanto, outras iniciativas ainda podem ser adotadas, nas quais diferentes setores, sujeitos e grupos se conectam para transpor situações-limite e criar o inédito-viável através da práxis, tecendo uma rede intersetorial (Borba et al., 2017).

Logo, como reflexão tem-se que terapeutas ocupacionais podem prestar contraturalidade e, por vezes, ajudar a identificar pessoas, setores e grupos que poderiam ser acionados para participar na construção. Isso inclui a Defensoria Pública, Secretarias Municipais de Assistência Social, Infância e Juventude e geração de trabalho e renda, grupos de educação em saúde, meio ambiente e urbanismo, projetos sociais e de extensão universitária, a Estratégia de Saúde da Família e o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) (Minatel et al., 2022).

A construção do fazer coletivo, da práxis, tem sido um processo emancipatório, no qual os membros dos grupos se reconhecem como construtores ativos da história, afirmando seus saberes e desejos e questionando a submissão tradicional nas relações com profissionais, gestores de serviços e políticas públicas (Minatel et al., 2022). Dessa maneira, a educação em saúde para as pescadoras artesanais pode incluir aspectos teóricos e práticos para inserir sujeitos, grupos e comunidades, onde é necessário para prevenir ou retardar a ocorrência de doenças respiratórias, bactérias vaginais ou intoxicação por compostos químicos para melhorar a qualidade de vida e minimizar as complicações do adoecimento (Salci et al., 2013). Nesse aspecto, o terapeuta ocupacional atua como um agente motivador da educação em saúde, buscando compreender as relações entre saúde e sociedade.

Além disso, o terapeuta ocupacional tem como principal característica o uso da ocupação humana como objeto profissional. Logo, cada ocupação é minuciosamente analisada e avaliada para determinar como pode contribuir para o sujeito. Essa análise permite identificar habilidades motoras, sensoriais, cognitivas, emocionais e sociais relacionadas à atividade que será utilizada nas ações dos indivíduos (AOTA, 2020). Assim, diante das diversas necessidades presentes no cotidiano de trabalho das pescadoras artesanais, os terapeutas

ocupacionais podem enfrentar demandas únicas que implicam em práticas voltadas para tratamentos de distúrbios osteomusculares relacionados ao cotidiano de trabalho.

Nesse ínterim, as ações do terapeuta ocupacional também podem destinar-se a promover e favorecer um melhor desempenho ocupacional e global, com ações individuais ou em grupo, que utilizam diversas técnicas como alongamentos, órteses para descanso diurno ou noturno, orientações para atividades motoras e práticas de adaptação, de acomodação utensílios domésticos, ferramentas, móveis e máquinas, que facilitam posturas adequadas e orientem as pescadoras sobre como economizar energia durante as atividades de vida diária. Além disso, também são utilizados métodos de relaxamento corporal, bem como grupos de qualidade de vida que buscam discutir sobre a saúde e suas relações com o cotidiano de trabalho (Siqueira & Lima, 2010).

## **Conclusão**

Diante da magnitude dos achados relacionados ao cotidiano de trabalho e à saúde de pescadoras artesanais a partir de reflexões terapêuticas ocupacionais, é imprescindível a necessidade de um acompanhamento intersetorial e uma ampla e efetiva rede de apoio. Considerando as dimensões dos desafios do trabalho e suas implicações na saúde, bem como os aspectos sociais relacionados a isso, os relatos das participantes demonstram que a assistência à saúde para pescadoras artesanais participantes do estudo encontram-se imprecisas e com lacunas. Existem falhas relacionadas à forma como as participantes têm acesso aos serviços de saúde e ao tratamento que recebem, e também uma supressão de recursos e profissionais capacitados para atender às necessidades da população. É válido levar em conta que esses relatos correspondem à percepção de um grupo reduzido de pescadoras artesanais, o que é uma limitação deste estudo, portanto, não pode ser disseminado de forma generalizada para outras localidades.

Dentre as reflexões, é indubitável considerar o terapeuta ocupacional como um profissional que pode atuar de maneira efetiva e relevante para participação das pescadoras em ocupações mais justas, ao propiciar o fazer coletivo, a práxis, a educação em saúde, além de ações voltadas para o tratamento de distúrbios osteomusculares relacionados ao cotidiano de trabalho. Contudo, a Terapia Ocupacional é uma área com uma esfera ainda pouco familiar

para o público em geral e seus serviços são de difícil alcance no sistema público de saúde, o que resulta em uma demanda reprimida e distante das práticas intersetoriais, mas não irreais.

Espera-se que os achados desse estudo possam ajudar a aumentar a disponibilidade de acesso à assistência à saúde, especialmente relacionada a Terapia Ocupacional em comunidades pesqueiras, bem como o aperfeiçoamento de inserção nesse serviço, incentivando os gestores responsáveis a elaborarem estratégias para a efetivação e o aprimoramento de políticas públicas e rede de apoio a essa população. Somado a isso, às participantes do estudo, destaca-se que o potencial das narrativas pode impulsionar e viabilizar ações em prol da mulher pescadora artesanal, da manutenção de sua saúde e da valorização de seu cotidiano e trabalho.

## Referências

American Occupational Therapy Association. (2020). Occupational therapy practice framework: Domain and process. *American Journal of Occupational Therapy*, 74(2). <https://doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>

Amorim, F. H. C.; Leitão, M. R. F. A. (2020). O cotidiano de trabalho das marisqueiras da praia de Mangue Seco, Igarassu-PE. In M. E. D. SILVA (Org.), *O meio ambiente e a interface dos sistemas social e natural*. Atena, (123-144). DOI: 10.22533/at.ed.6852010089

Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Edições 70.

Borba, P. L. O., Costa, S. L., Savani, A. C. C., Anastácio, C. C., & Ota, N. H. (2017). Entre fluxos, pessoas e territórios: delineando a inserção do terapeuta ocupacional no Sistema Único de Assistência Social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 25(1). <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoRE0758>

Castells, M. (2018). *O poder da identidade. A era da informação*. Tradução de Klaus Brandini Gerhardt. (9 ed.). Paz e Terra.

Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional da 3ª região. (s.d.). Terapeuta Ocupacional e o SUS. <http://www.crefito3.org.br/dsn/pdfs/Cartilha%20-%20t.o.pdf>

Córdoba, A. G. (2020). Sobre as novas formas de colonização em terapia ocupacional. Reflexões sobre a ideia de Justiça Ocupacional na perspectiva de uma filosofia política crítica. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 28(4), 1365-1381. <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF2175>

Costa, S. L. (2012). Terapia ocupacional social: dilemas e possibilidades da atuação junto a povos e comunidades tradicionais. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, 20(1), 43-54. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2012.005>

Deslandes, S. F. (2002). Construção do projeto de pesquisa. In M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. (21 ed.). Petrópolis: Vozes.

Diegues, A. C. (2008). *O mito moderno da natureza intocada*. (6 ed.). Hucitec.

Falcão, I. R., Couto, M. C. B. M., Lima, V. M. C., Pena, P. G. L., Andrade, L. L., Müller, S. J., Alves, I. B., Viana, W. S., Rêgo, R. C. F. (2015). Prevalência dos distúrbios musculoesqueléticos nos membros superiores e pescoço em pescadoras artesanais/marisqueiras em Saubara, Bahia, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(8), 2469-2480. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015208.17272014>

Fiorati, R. C. (2014). A contribuição da hermenêutica crítica de Jürgen Habermas para a Terapia Ocupacional Social. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, 22(2), 443-453. <http://dx.doi.org/10.4322/cto.2014.066>

Giddens, A. (2005). *Sociologia*. Tradução de Sandra Regina Netz. (4 ed.). Artmed.

Heller, A. (2016). *O cotidiano e a história*. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. (11 ed.). Paz e Terra.

Inojosa, R. M. (2001). Sinergia em políticas e serviços públicos: desenvolvimento social com intersetorialidade. *Cadernos Fundap*, 22, 102-110. [https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/sinergia\\_politicas\\_servicos\\_publicos.pdf](https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/sinergia_politicas_servicos_publicos.pdf)

*Lei n. 11.959, de 29 de junho de 2009*. (2009). Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei nº 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Brasília, DF.

Malfitano, A. P. S. (2005). Campos e núcleos de intervenção na terapia ocupacional social. *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, 16(1), 1-8. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v16i1p1-8>

Marcellino, N. C. (2006). *Estudos do lazer: uma introdução*. (4 ed.). Autores Associados.

Martinelli, M. L. (2012). *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. (2 ed.). Veras Editora.

Minatel, M.M., Taño, B. L., Morato, G. G. (2022). Quando crianças pedem rede: terapia ocupacional, intersetorialidade e educação popular no cuidado com as infâncias. *Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup.*, 6(1), 822-833. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto42850

Minayo, M. C. S. (2002). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. (21 ed.). Petrópolis: Vozes.

Moreira, A. B. (2008). Terapia ocupacional: história crítica e abordagens territoriais/comunitárias. *Vita et Sanitas*, 2(1), 79-91. <http://fug.edu.br/revistas/index.php/VitaetSanitas/article/view/103/86>

Pena, P. G. L., Freitas, M. C. S., Cardim, A. (2011). Trabalho artesanal, cadências infernais e lesões por esforços repetitivos: estudo de caso em uma comunidade de marisqueiras na Ilha de Maré, Bahia. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(8), 3383-3392.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000900005>

Raffestin, C. (1993). *Por uma Geografia do Poder*. Tradução de Maria Cecília França. Ática.

Rios, A. O., Rego, R. C. F., Pena, P. G. L. (2011). Doenças em trabalhadores da pesca. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 35(1), 175-188.  
<http://files.bvs.br/upload/S/0100-0233/2011/v35n1/a2106.pdf>

Salci, M. A., Maceno, P., Rozza, S. G., Silva, D. M. G. V., Boehs, A. E, Heidemann, I. T. S. (2013). Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. *Texto Contexto Enferm*, 22(1), 224-30. <https://doi.org/10.1590/S010407072013000100027>

Santos, M. (1999). O Dinheiro e o Território. *GEOgraphia*, 1(1), 7-13.  
<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>

Siqueira, M. A., & Lima, S. M. F. P. (2010). Lesão por esforços repetitivos e forma de atuação da terapia ocupacional. *Cadernos Brasileiros De Terapia Ocupacional*, 5(2).  
<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/302>

Veiga, J. E. (2009). *Meio ambiente e desenvolvimento*. (3 ed.). SENAC.

Vieira, G. (2020). Experiências de solidão da mulher negra como repercussão do racismo estrutural brasileiro. *Pretexto - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 5(10).  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/22458>